

O arquétipo da Mulher-Maravilha no poema “Vozes -Mulheres” de Conceição Evaristo

Lydicy Silva Amorim

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: lydicyamorim@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0882-4886>

Josenildo Campos Brussio

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a representação do arquétipo da Mulher-Maravilha no poema *Vozes-Mulheres*, da renomada autora Conceição Evaristo, figura central da literatura afro-brasileira contemporânea. A escolha do poema se justifica pela relevância acadêmica da obra de Evaristo e pelas inquietações pessoais enquanto mulher negra que admira super-heroínas, mas se questiona sobre a predominância de representações femininas brancas no imaginário ocidental. Conceição Evaristo subverte essa lógica ao dar voz a mulheres negras, permitindo que expressem suas dores, força e resistência, tomando-se heroínas de suas próprias histórias. A autora constrói, assim, uma nova perspectiva do arquétipo da Mulher-Maravilha, baseada em memória e identidade. O objetivo principal do artigo é compreender como esse arquétipo se manifesta no poema, especialmente a partir da perspectiva de diferentes gerações de mulheres. Além disso, busca-se identificar elementos que auxiliem na análise crítica desse arquétipo dentro do contexto da literatura afro-brasileira. A metodologia utilizada foi baseada em pesquisa qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Realizou-se uma revisão bibliográfica em bases como Google Acadêmico, Revistas Eletrônicas, Teses, Artigos Científicos, anais de Congressos e obras relevantes. Os descritores utilizados foram: “vozes-mulheres”, “Conceição Evaristo”, “arquétipos” e “Mulher-Maravilha”. Os principais autores consultados foram: Evaristo (2020), Halbwachs (1990), Jung (2000), Mendes (2009) e Pollak (2017).

Palavras-chave: Vozes-Mulheres. Conceição Evaristo. Arquétipo. Mulher-Maravilha.

The archetype of Wonder Woman in Conceição Evaristo's poem “Voices - Women”

Abstract: This article proposes a critical reflection on the representation of the Wonder Woman archetype in the poem *Vozes-Mulheres* by renowned author Conceição Evaristo, a central figure in contemporary Afro-Brazilian literature. The poem was chosen because of the academic relevance of Evaristo's work and because of her personal concerns as a black woman who admires superheroines, but questions the predominance of white female representations in the Western imagination. Conceição Evaristo subverts this logic by giving a voice to black women, allowing them to express their pain, strength and resistance, becoming the heroines of their own stories. The author thus constructs a new perspective on the Wonder Woman archetype, based on memory and identity. The main aim of the article is to understand how this archetype manifests itself in the poem, especially from the perspective of different generations of women. In addition, the aim is to identify elements that help in the critical analysis of this archetype within the context of Afro-Brazilian literature. The methodology used was based on qualitative, exploratory and descriptive research. A bibliographic review was carried out using databases such as Google Scholar, electronic journals, theses, scientific articles, conference proceedings and relevant works. The descriptors used were: "women's voices", "Conceição Evaristo", 'archetypes' and "Wonder Woman". The main authors consulted were: Evaristo (2020), Halbwachs (1990), Jung (2000), Mendes (2009) e Pollak (2017).

Keywords: Women's Voices. Conceição Evaristo. Archetype. Wonder Woman

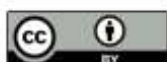
El arquetipo de la Mujer Maravilla en el poema "Voces – Mujeres" de Conceição Evaristo)

Resumen: Este artículo propone una reflexión crítica sobre la representación del arquetipo de la Mujer Maravilla en el poema *Vozes-Mulheres* de la célebre autora Conceição Evaristo, figura central de la literatura afrobrasileña contemporánea. Se eligió el poema por la relevancia académica de la obra de Evaristo y por sus inquietudes personales como mujer negra que admira a las superheroínas pero cuestiona el predominio de las representaciones femeninas blancas en el imaginario occidental. Conceição Evaristo subvierte esta lógica dando voz a las mujeres negras, permitiéndoles expresar su dolor, su fuerza y su resistencia, convirtiéndose en las heroínas de sus propias historias. La autora construye así una nueva perspectiva del arquetipo de la Mujer Maravilla, basada en la memoria y la identidad. El principal objetivo del artículo es comprender cómo se manifiesta este arquetipo en el poema, especialmente desde la perspectiva de diferentes generaciones de mujeres. También busca identificar elementos que ayuden a analizar críticamente este arquetipo en el contexto de la literatura afrobrasileña. La metodología utilizada se basó en una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva. Se realizó una revisión bibliográfica utilizando bases de datos como Google Scholar, revistas electrónicas, tesis, artículos científicos, actas de congresos y trabajos relevantes. Los descriptores utilizados fueron: «voces de mujeres», «Conceição Evaristo», «arquetipos» y «Wonder Woman». Los principales autores consultados fueron: Evaristo (2020), Halbwachs (1990), Jung (2000), Mendes (2009) e Pollak (2017).

Palabras clave: Voces de mujeres. Conceição Evaristo. Arquetipo. Mujer Maravilla

INTRODUÇÃO

Por séculos, a história e a identidade da mulher negra em nosso país foram negligenciadas e silenciadas devido ao sistema escravista opressor e ao patriarcado



profundamente arraigado na sociedade brasileira. No século XXI, persistem as marcas dessas estruturas, mas há movimentos crescentes de representações femininas negras buscando ocupar espaços em diversas esferas sociais, como ocorrido da literatura feminista negra brasileira.

As mulheres negras, frequentemente submetidas a diversas formas de violência, têm suas experiências não expressas e desejam comunicá-las ao mundo. Por gerações, essas mulheres têm enfrentado desafios sociais com o propósito de compartilhar suas histórias, incluindo memórias da infância, as dificuldades silenciosas e as vozes não ouvidas. Essas mulheres sempre tiveram que conciliar suas atividades laborais às responsabilidades maternas e manterem-se resilientes.

Nesse propósito, escolhemos o poema “Vozes Mulheres” da autora Conceição Evaristo, uma expressiva representante da literatura afro-brasileira contemporânea, que tem suas obras como objeto de luta e resiliência feminina negra, com grande relevância acadêmica. Através do poema “Vozes Mulheres” dá-se voz às mulheres negras para que essas personagens possam expressar as suas dores e forças no ideal de serem heroínas de sua própria sobrevivência e fazerem-se (re)conhecidas por meio dos relatos de suas memórias.

Assim, este artigo apresenta o arquétipo da Mulher-Maravilha no poema “Vozes Mulheres” de Conceição Evaristo, em uma abordagem subversiva, memorial e identitária das vozes de mulheres de diferentes gerações. É preciso esclarecer que o termo “Arquétipo da Mulher-Maravilha”, emergiu em meio à uma discussão sobre arquétipos na disciplina do Mestrado em Letras, na Universidade Estadual do Maranhão, ministrada pelo Professor Doutor Josenildo Campos Brussio. O professor fomenta à possibilidade de pesquisa e ampliação acerca dos sentidos e ressignificações dos arquétipos como uma nova possibilidade de análise, pois é “na trajetividade entre a natureza a cultura (ou vice-versa) que o simbólico organiza o real” (Brussio, 2014, p.

13). Por meio desta observação, buscou-se um outro olhar investigativo, pautado na psicanálise e na literatura, desencadeando novos resultados em torno dos arquétipos.

Portanto, este artigo debruça-se sobre o objetivo mais amplo de compreender como o arquétipo da Mulher-Maravilha está representado no poema "Vozes Mulheres" de Conceição Evaristo, rompendo, em parte, com os padrões impositivos de um imaginário feminino eurocentrado, destacando outros olhares a partir do contexto da memória, identidade negras e, principalmente, das escrevivências da escritora. Além de identificar elementos simbólicos e comparativos para esse arquétipo.

Para esta pesquisa, adotou-se a metodologia de revisão da literatura pertinente para a construção do estudo, caracterizado como qualitativo, exploratório e descritivo. A busca bibliográfica foi realizada nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Revistas Eletrônicas, Teses, Artigos Científicos, canais de Congressos e livros de grande relevância sobre o tema. Utilizou-se como descritores de busca: "vozes-mulheres", "Conceição Evaristo", "arquétipos" e "Mulher-Maravilha". Os autores principais consultados foram: Evaristo (2020), Halbwachs (1990), Jung (2000), Mendes (2009), Pollak (2017).

VOZ DA IDENTIDADE – CONCEIÇÃO EVARISTO

O poema "Vozes-Mulheres", da autora Conceição Evaristo publicado primeiramente no livro *Poemas de Recordação e Outros Movimentos*, em 2008, é um poema marcado pela memória e a identidade (Reis e Oliveira, 2021). Além de carregar valores pessoais e subjetivos, a memória presente na obra de Evaristo carrega valores coletivos, que conferem marcas identitárias (Hall, 2006) de um grupo: o povo negro. Para Pollak (2017, p. 34) "a memória é um elemento que constrói um sentimento de

identidade individual, quanto de coletividade, e se faz importante como fator coerente e contínuo de reconstrução de si mesmo individualmente ou em grupo”.

Conhecer sua história é reencontrar-se consigo mesmo, com suas origens e seus costumes. “Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (Halbwachs, 1990 p. 55).

Nesse contexto, considera-se como possibilidades de interpretação nas estrofes: “A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio/ ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo”, um arcabouço de memórias ancestrais que influenciou a produção poética evaristiana (Mendes, 2009, p. 16).

A autora escreve a partir das memórias de sofrimento de suas antepassadas. Abre-se um parêntese para rememorar um dos tantos sofrimentos, pelos quais as mulheres negras foram submetidas; a exemplo, seu papel como “ama de leite”, relação subalternizada de apenas dar leite ao menino branco que mama em seu seio, mas nunca um papel de “mãe de leite”, além dos abusos sexuais e toda espécie de tortura física (Gonzales, 1984). A condição de humilhação e escravidão, dava-se ainda, no processo de seleção de escravas para esse papel:

Algumas características eram importantes no momento da escolha da negra ou mulata para dar de mamar e cuidar do bebê. Escolhia-se, dentre as melhores escravas da senzala, as mais limpas, bonitas, fortes e, principalmente as já cristãs e com assimilação brasileira, enfim, as menos africanizadas (Quintas, 2009, p. 16).

A partir dessa análise, a autora propõe uma reflexão à valorização e reconhecimento desse passado que foi apagado tanto na história oficial da nação, quanto em outras construções narrativas (Reis; Oliveira, 2021), de modo que foi negado ao povo brasileiro a valorização histórica da cultura afro-brasileira. Conforme Silva (2018), Conceição Evaristo, por meio de sua obra, o poema “Vozes Mulheres”

retoma uma poética ancestral que é capaz de propor discussões acerca da identidade renegada a partir da ditadura do patriarcado.

Silva (2018) e Reis e Silva (2021) corroboram, em suas análises, acerca do poema, afirmando que este retrata a perspectiva da poetisa, que assume a voz de mulheres negras, revelando a história de suas ancestrais e a projeção de seu passado, presente e futuro. Evaristo demonstra uma consciência de sua herança histórica e da influência de sua cor e história em sua trajetória como escritora.

Conforme Halbwachs (1990), no que tange à construção da memória

[...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A tem rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (Halbwachs, 1990, p. 14).

O texto poético narra as experiências das mulheres negras e as marcas deixadas ao longo das gerações, evidenciando as dificuldades e sofrimentos enfrentados. E não é possível dar continuidade nesta escrita, sem antes, relembrar a importância da origem da autora, e de como a memória coletiva trabalha em prol de fornecer os subsídios para a memória individual, e ambas para a construção da identidade.

Ainda se faz necessário dizer que, ao dar voz às mulheres negras em seu poema, Evaristo faz ecoar desde a “voz de sua bisavó”, antes nos porões do navio, até as vozes mais contemporâneas, e agora, nas obras literárias sobre as quais é possível contemplar a influência da memória na sua identidade autoral.

Uma das manifestações discursivas está presente no eu lírico que não esquece o seu passado, empenhando-se em ter em seu discurso vivências de suas vozes ancestrais, histórias que ouvia em sua infância e que agora podem ser compartilhadas aos leitores. Conquistando de certa forma, admiração por escrever sobre o contexto social-histórico que suas antepassadas foram vítimas e mostraram igualmente, resistência à opressão (Reis; Silva, 2021, p. 26937).

No processo de construção da identidade, todo o ser precisa entender-se, ou reconhecer-se pertencente a um determinado grupo social, com o qual se identifique. Stuart Hall (2006) destaca que a identidade cultural se estabelece como algo fluido, dinâmico e construído socialmente, em oposição à ideia de uma identidade fixa e essencial. A identidade, para Hall (2006), não é inerente ao indivíduo, mas sim um processo de construção que se dá através das interações sociais e discursivas, moldadas pelos contextos culturais e históricos. .

Para (Halbwachs, 1990) quando um indivíduo percebe que não houve mudança em seu passado no tempo decorrido, permite-se tomar consciência de sua identidade. Esse reconhecimento de pertencimento a determinado grupo dá origem a construção da identidade cultural que tem suas referências a partir da sua língua, fala, etnia, etc.

A identidade da autora, impressa em sua obra, reluz sua herança étnica e social. Em uma breve exposição sobre a origem e trajetória de Evaristo, Reis e Silva (2021) afirmam: “de uma linhagem de mulheres negras, de família com muitos irmãos, morou na favela, e experimentou uma infância de muita pobreza” (p. 26937). Os registros de sua infância são importantes arquivos na construção de sua identidade. Como a própria autora compartilha

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe. Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda?” Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. (Evaristo, 2020a, p. 49).

Esses arquivos foram importantes na construção pessoal e autoral de Conceição Evaristo, pois é possível contemplar em seus escritos, seus registros mais profundos, herança de sua ancestralidade. “A compreensão comum dos símbolos e dos significados e a comunhão de noções que compartilhamos com os membros do grupo social definem o caráter social das memórias individuais” (Barros, 1989, p. 30)

Para a autora compreender sua realidade semelhante a de muitas mulheres também negras, impulsionou-a em sua trajetória acadêmica ao ponto de criar uma epistemologia própria e desbravar caminhos cerceados por mulheres, principalmente negras, a tamanho patamar que hoje os estudiosos precisam consultar sua história e suas raízes para também compreender a história da literatura afro-brasileira a partir de seus escritos poéticos.

Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2020, p. 11).

Conceição Evaristo, mulher negra de origem pobre, constrói uma história, onde se posiciona como guerreira, protagonista de suas lutas, heroína de sua própria sobrevivência e representante da história de muitas outras mulheres que enxergam na autora, por meio de seus escritos, a voz que cede o grito, o direito de fala à todas as outras mulheres. Para Silva (2023), a poesia evaristiana é um símbolo de resistência no resgate identitário das mulheres negras no Brasil.

O ARQUÉTIPO DA MULHER-MARAVILHA

Durante a infância, é comum ouvirmos histórias contadas pelos pais, avós que nos repassam contos sobre heróis com superpoderes (Oliveira, 2017). Desde os mais longínquos tempos, as narrativas dão conta de pessoas realizando atitudes alheias à sua condição de humanos, e esses relatos passados de geração em geração ficam gravadas na memória de um povo. Essas características heroicas são consideradas um arquétipo, segundo Jung (2000).

Na disciplina de Literatura e Psicanálise, ministrada pelos professores Dr. Josenildo Campos Brussio e Dr. José Ailson Lemos de Sousa, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as abordagens da psicanálise junguiana, que dialoga com as noções de inconsciente coletivo e arquétipos. A primeira parte da disciplina ministrada pelo professor Josenildo Brussio trouxe elementos da psicanálise junguiana em diálogo com os simbolismos e representações arquetípicas em torno de personagens da literatura. Essa introdução nos incentivou a pesquisar sobre o arquétipo do herói/heroína, apontando para novas possibilidades de análise, releituras e ressignificações dos arquétipos na contemporaneidade.

Ficou evidente que os elementos freudianos centrados unicamente na libido, como os complexos de Édipo, de Electra, de Narciso, ganham outras dimensões simbólicas e coletivas na teoria dos complexos de Jung, assumindo características do inconsciente, movido por tendências instintivas e representadas por formas de pensamentos correspondentes ao inconsciente coletivo – os arquétipos (Jung, 2000, p. 74).

Para Jung (2000), os arquétipos são resíduos arcaicos ou “imagens primordiais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (p. 67). Os arquétipos são sempre primitivos e “se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo” (Jung, 2000, p. 67).

Assim, o arquétipo do herói/heroína se constitui a partir de “um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (Jung, 2000, p. 17). Os heróis “existem” para realizar coisas que precisam de forças além da própria consciência, são símbolos representantes do “fazer do imaginável”. No intuito de corroborar com o entendimento de arquétipo para Jung, Lamas (2002) descreve-o como uma maneira uniforme de apreensão de situações que

são repetidas e são repletas de experiências memorizadas, ajustadas e constantemente repetida pelos seres humanos.

Assim, como explica Oliveria (2017), o herói é aquele que está apto a salvar a mocinha que se encontra em perigo. Na psique masculina, há um elemento feminino denominado “O Eterno Feminino” (Jung, 2008, p. 123) que faz referência a anima projetados em sonhos e/ou mitos.

Na Idade Média, houve oportunidades de discussão no que dizia respeito aos assuntos de cultura, religião e espiritualidade e apreciação da criação a partir da fantasia do inconsciente que passa a ser visto com mais clareza (Jung, 2008, p. 186). As donzelas se apaixonavam por aquele que estivesse disposto a fazer sacrifícios, enfrentando as forças do mal de forma heroica para salvá-las. Telles e Valle (2014) contribuem para a compreensão do conceito de herói afirmando que

O herói é uma figura arquetípica que reúne em si os atributos necessários para superar de forma excepcional um determinado problema de dimensão épica. O termo se destina originalmente a um protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Para a mitologia grega, o herói estava na posição intermediária entre os deuses e os homens, sendo, em geral, filho de um Deus com uma mortal ou vice-versa. Portanto, o herói tinha dimensão semidivina (p. 3).

A partir da importância do papel representado pela figura do herói, e sua relação com mito. De acordo com Eliade (1995), o mito se alicerça em narrativas sagradas, relatando suas diversas características. E conforme (Garcez, 2008, p. 87), “o mito é anacrônico, seu tempo é o tempo do eterno retorno, o tempo cíclico, o tempo sagrado, que é o da história originária, dos proto-acontecimentos, a temporalidade simultânea está no âmbito do sagrado”.

O herói tem como característica poder ajustar-se à sociedade a qualquer tempo. A exemplo disso, temos os super-heróis coletivamente moldados pela sociedade, a fim de contribuir para experiência individual de cada ser, que refletem em suas narrativas e ações questões relacionadas às inquietações ou satisfações humanas. Além de serem carregados de atributos do imaginário humano com as

particularidades de cada personalidade que são espelhados em deuses e/ou heróis que habitam no íntimo de cada pessoa (Oliveira, 2017).

A Grécia antiga, berço de narrativas lendárias propagou para o mundo suas histórias mitológicas e os feitos heroicos de humanos e semideuses, destinados a enfrentar grandes perigos e adversários poderosos. Para isso, precisavam realizar feitos extraordinários e costumeiramente eram ajudados em suas batalhas pelos deuses que os protegiam.

A era moderna também espelha a herança da trajetória de heróis a partir da criação de figuras que respondam aos ensejos de sua própria contemporaneidade, eles se disseminam nos quadrinhos, no cinema, na literatura em geral e refletem em seus enredos os desafios do mundo real, protegem os indefesos e lutam por melhores condições sociais, assim como atesta Campbell (2007, p. 372): “o homem moderno emergiu da ignorância antiga, tal como uma borboleta de seu casulo, ou tal como o sol, de madrugada, do útero da mãe noite”.

Apesar de dotar-se de superpoderes, os heróis gregos possuíam características que se assemelham a qualquer humano desprovido dos mesmos poderes. Ou seja, traz-se como exemplo a coragem e teimosia do semideus Aquiles, e os conflitos familiares de Zeus, comportamento inerente à condição humana.

Zeus e sua conflituosa família de deusas e deuses, habitantes divinos do Monte Olimpo, na *Iliada* e, um pouco mais remotamente na *Odisséia*, são personagens tão definidas, singulares e características, como Heitor ou Aquiles. São seres sobre-humanos, com a sua imortalidade e os seus poderes mágicos que podem ser grandiosos e imporem respeito; todavia, muitas vezes, as suas intervenções arbitrárias são provocadas por motivos e por sentimentos que se revelam muitíssimo semelhante aos humanos. Por vezes, especialmente em *Iliada*, as excentricidades do Olimpo proporcionam uma pausa cômica nas trágicas cenas de planície troiana (Baldry, 1968, p. 22).

Mitologia, termo descrito por (Oliveira, 2017) como conjunto histórico de narrativas e lendas religiosas que utilizam a riqueza do universo imaginário de um povo. E surge como uma forma simples e criativa para explicar os fenômenos da natureza e a origem da vida.

Para Campbell (2007) os mitos estão incutidos dentro de outras histórias, uma narrativa esquematizada, contada por seres humanos que vêm desde os enredos da criação às histórias modernas. Tanto as histórias mais remotas, quanto as contemporâneas têm como elo o maravilhoso, que outrora tinham em suas narrativas a mitologia dos gregos encenada conforme seu tempo e espaço (Marinho, 2009), ao passo que as narrativas contemporâneas correspondem aos anseios do homem moderno.

Compreendendo que cada tempo necessita do herói que atenda às necessidades humanas daquele período, vemos uma miscelânea de heróis modernos que carregam a diversidade da vida contemporânea: deuses (Thor, Loki, Adão Negro), semideuses (Mulher-Maravilha, Aquaman, Homem-Pássaro), alienígenas (Superman, Guardiões da Galáxia, Visão), meta-humanos (Capitão América, Pantera Negra, Hulk, Flash, Homem-Aranha), humanos aprimorados (Batman, Homem de Ferro, Viúva Negra, Gavião Arqueiro, Falcão Negro), só para citar alguns.

Aborda-se aqui, como as mulheres ao longo de toda sua trajetória precisaram ser heroínas de sua própria sobrevivência, quando subjugadas apenas por sua condição de mulher ao longo dos séculos.

Fonte interior de energia que o arquétipo de herói representa; esclarecera e desenvolvera a porção dele mesmo que, no sonho, estava simbolizada por uma mulher; e através do ato heroico praticado pelo seu ego libertara-se da mãe. Este e muitos outros exemplos do mito do herói nos sonhos do homem moderno mostram que o ego, quando age como herói, é sempre um condutor de cultura, muito mais que um exibicionista egocêntrico (Jung, 2008, p. 126).

É preciso expor, ainda que de forma breve, alguns dos objetivos pelos quais as mulheres lutaram. Para Bittencourt (2015) as mulheres mesmo buscando combater a opressão dentro da sociedade, tiveram sua voz calada pela organização patriarcal dominante. Esse movimento no princípio, deu-se de forma individual no intuito de não deixar claro ser um movimento feminista, conforme contribui (Saffioti, 1986).

Contudo, com o surgimento da Revolução Francesa, no Século XVIII, foi possível perceber as primeiras organizações feministas mais expressivas, Bittencourt (2015).

As mulheres foram historicamente submetidas a mandos e desmandos conforme a vontade do homem. No objetivo de oposição a relação de subserviência, as mulheres vão em busca de direitos que lhes garantam ser tratadas com mais humanidade e respeito (Heller, 1970). Uma luta que visa melhores condições de vida em todos os aspectos sociais. Aliás, luta é um termo utilizado em todas as literaturas consultadas na construção desse estudo como nomenclatura das ações das mulheres na conquista de suas causas.

A discriminação da mulher deu-se por questão de gênero. Para Pedro e Guedes (2010), as diferenças entre homem e mulher estabelecem ideológica e culturalmente características diferenciadas entre um e outro, a partir conceito de gênero. Essas características tacharam a mulher como “sexo frágil” pela força física e pela forma como lidam com seus sentimentos. De acordo com Saffioti (1988, p. 10), a cultura na qual homens e mulheres estão inseridos, os tornam diferentes no exercício de seus papéis, e esse papel passa a ser exercido de forma natural.

Foi exatamente a transformação social que permitiu que as mulheres fossem em busca de mudanças significativas em relação à posição de desconforto e desrespeito constituída ao longo do tempo. Lutar contra um sistema estipulado e sustentado pela sociedade é difícil e exigiu esforços. A luta das mulheres não foi algo simples, as correntes das quais precisaram se libertar são ideologicamente seculares “construídas” e “governadas” por homens.

As mulheres precisaram unir-se para criar movimentos¹ que possibilitassem reivindicar direitos de ser dona próprio corpo, direito ao trabalho, de se fazer ouvida

1 Fazemos referência ao movimento feminista que se inicia desde a primeira onda no século XIX à terceira onda na atualidade. Mas vale destacar que a primeira e segunda ondas (iniciado com Simone de Beauvoir em 1949), a princípio, não contemplavam as mulheres negras e as suas lutas.

na sociedade, tornar seu direito de não ser agredida constitucional etc. Em uma luta contínua, não é possível nomear, no presente artigo, todos os direitos aos quais as mulheres precisaram reivindicar, visto que, há séculos de negligência e desrespeito sobre a capacidade intelectual e física de realização de atividades e tomadas de decisões que outrora, sua execução era considerada possível apenas por homens.

As mulheres precisam ter representações de diversas formas. Se o papel do herói sempre foi representado ao longo da história pela figura masculina em seus feitos, as narrativas modernas permitem que personagens femininos representem as mulheres. Antes as mulheres possuíam papel secundário, mesmo nas narrativas modernas. A criação da super-heroína “Mulher-Maravilha é resultado de um ato deliberado de crítica ao universo masculinista dos super-heróis em quadrinhos” (Castro, 2011, p. 9).

A história da Mulher-Maravilha é criada para os quadrinhos, na *All Star Comics* na década de 1940, que futuramente passa a ser a editora (*DC COMIC*) pelo psicólogo William Moulton Marston (Castro, 2011). A importância da criação da personagem da Mulher-Maravilha, quebra paradigmas em um espaço de personagens heróis homens seguindo a linha social do patriarcado, representando a mulher que rejeita a submissão e a passividade.

É preciso compreender o universo social do qual a personagem fazia parte para entender sua representatividade feminina (Gomes, 2020). A Mulher-Maravilha, representante da mitologia grega, descendente da rainha da ilha de *Themyscira*, uma ilha habitada pelas amazonas (mulheres guerreiras que constituíam essa sociedade).

As amazonas cultuavam Ártemis, a deusa virgem da caça e da lua, com quem a Mulher-Maravilha possui características em comum, incluindo o nome Diana, como a deusa era conhecida pelos romanos. O arquétipo de Ártemis representa a mulher que valoriza a independência, que busca os próprios objetivos e dedica-se à proteção do meio ambiente, e das mulheres como um todo (Oliveira, 2017).

Nos tempos modernos, a Mulher-Maravilha teve seu personagem a serviço de representações feministas mais expressivas sobre os direitos das mulheres (Lepore, 2017). A simbologia da Mulher-Maravilha se faz importante no contexto mitológico, pois, assim como todos os super-heróis tinham suas raízes nos deuses do Olímpio, ela recebeu artefatos e poderes para a luta (Oliveira, 2017), após ter sua existência abençoada pelos deuses. Com ela, vieram alguns poderes extraordinários herdados como velocidade, sabedoria, força, e artefatos como braceletes, laços mágicos e capacidade de voar.

Toda a conjuntura ideológica e histórica para a construção da imagem da Mulher-Maravilha serve de subsídios para representá-la como um arquétipo (Jung, 2008, p. 196), a personificação da figura feminina como um ser superior (deusa) é que simboliza o inconsciente (Self) no nível mais profundo da psique. A heroína permite a contextualização de situações difíceis, vividas por mulheres reais e como uma força que motiva todas as mulheres, desde a infância a reconhecer suas atitudes heroicas e dar a si, a mesma importância que os homens se dão, enquanto heróis, contribuindo para transformação social mais igualitária entre os gêneros.

Ainda assim, existem questões histórico-sociais que merecem a atenção: a) por que durante séculos de história tivemos acesso ao arquétipo da Mulher-Maravilha como referência branca? b) Não poderia ter sido uma Mulher-Maravilha negra? Sabemos que essas duas questões oferecem debates e reflexões para outros artigos. Mas fica a provocação.

Outro ponto de reflexão importante está relacionado ao próprio sentido do mito. Se para a mitologia grega, o herói precisava ser uma divindade ou um semideus (ou seja, filho de um deus e/ou de uma deusa); na modernidade, essa característica perde a substância, porque ela se dilui em outras formas de poder, o herói pode ser qualquer um (Campbell, 2007) e se torna um ser multifacetado: pode ser um deus (Thor, Loki, Odin), um semideus (Mulher-Maravilha, Aquaman), um metahumano

(Capitão América, Pantera Negra, Flash, Ciborgue, Hulk), um alienígena (Superman), um mago (Dr. Estranho, Feiticeira Escalarte), um humano agraciado com poderes mágicos (Shazam, Adão Negro), ou pode ser um (super)humano com habilidades especiais (desenvolvidas por um longo processo de treinamentos e preparos físicos) ou tecnologias, que lhes conferem superpoderes (Batman, Homem de Ferro, Gavião Arqueiro, Viúva Negra).

Como se vê, essa discussão nos levaria a muitos debates e reflexões, por essa razão, deixamos aqui as provocações e seguimos com as análises do imaginário da Mulher-Maravilha e o poder dessa imagem arquetipal na psique de muitas mulheres pelo mundo todo.

O ARQUÉTIPO DA MULHER- MARAVILHA NA POESIA EVARISTIANA

Apesar das provocações no parágrafo anterior sobre diversidade de heróis na modernidade, que os distancia, e muito, dos heróis gregos, a Mulher-Maravilha apresenta características que ratificam tais aspectos, por dois motivos: 1 – ela é uma amazona que vive desde os tempos da Grécia Antiga; 2 – Por ser semideusa, carrega o poder da longevidade, é uma quase imortal.

A Mulher-Maravilha (Oliveira, 2017) como heroína é detentora de poderes que lhe conferem habilidades físicas que permite, força, sabedoria, e possibilidade de voar. Possui armas poderosas simbolizada pelos braceletes, laço mágico utilizados para derrotar seus inimigos. É interessante notar que no longa-metragem exibido nas telonas do cinema, a Mulher-Maravilha dentro de seus feitos considerados heroicos, acolhe um aspecto familiar (Chacon, 2009). A sua mãe e as guerreiras amazonas esperam de Diana um futuro promissor que carregue a herança ancestral de seu povo, ou seja, a continuidade de um legado, de um saber-fazer ancestral.

Assim como no poema “Vozes Mulheres” de Evaristo a relação familiar estabelecida pelas “vozes de seu poema” também recorre a ancestralidade. Tanto o ‘eu lírico’ do poema quanto a personalidade de Diana buscam romper outros horizontes quebrando as regras da obediência (Gomes; Ramos, 2020): “A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes /recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas,” assim como também o faz Conceição Evaristo em sua poesia. A autora assume uma postura exponencial em seu tempo, utilizando o poder da escrita de sua poesia, carregada de seus ideais, em posse de instrumentos que contribuem para mudanças sociais concernentes a sua contemporaneidade.

A representatividade feminina de ambas expressa poder e heroísmo, atuantes em perspectivas e etnias diferentes, enquanto a Mulher-Maravilha é heroína das histórias em quadrinhos, a personificação de uma mulher guerreira poderosa e branca, que trava suas batalhas pelo bem e justiça, e mais tarde passa a ser uma imagem expressiva no movimento feminista norte-americano e europeu. Para Gomes (2020) uma figura transgressora que incita à libertação das mulheres dos padrões masculinos.

Em outro campo de atuação, a poesia de Evaristo em “Vozes-Mulheres”, enfatiza de maneira muito contundente a força e a resiliência das mulheres negras nos desafios enfrentados na vida cotidiana contra o racismo, o preconceito, o patriarcalismo, a intolerância e a violência; e por meio da poesia, traz visibilidade as lutas cotidianas que as mulheres enfrentam e a sua capacidade de suplantar sua difícil realidade. Contudo, ambas têm a finalidade de empoderar as mulheres. Evaristo propõe um empoderamento social das mulheres negras, ruptura dessas barreiras que são culturalmente históricas, em um ideal uniforme.

O mito dos quadrinhos tem frequentes confrontos entre as personalidades da princesa Diana e sua persona Mulher-Maravilha, enfatiza força e coragem em um mundo fictício. Porém, é preciso deixar claro que, neste caso, tanto o mito quanto a

poesia são gêneros que se contemplam na manifestação das emoções e experiências femininas genuínas, independentes da cor da pele.

Uma característica importante é observar que assim como a Mulher-Maravilha surge para transgredir padrões masculinos, na sua busca por mudanças significativas no universo o qual está representando (Gomes; Ramos, 2020), do mesmo modo se contempla a transgressão de Conceição Evaristo em: “A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade” (Evaristo, 2017, p. 25). Na escrita de Evaristo vemos a transgressão aos padrões de silenciamento. O grito que outrora dissipava-se no silêncio, agora pode ecoar, Reis e Silva (2021).

Este feito também é a concretização da quebra da ditadura patriarcal, pois reflete o poder adquirido com o tempo e que contribuirá para futuras memórias coletivas que transformarão em um processo contínuo a sociedade, sobretudo, a atuação das mulheres negras.

Assim como o mito da Mulher-Maravilha, em determinado momento, abre espaço para representar os assuntos femininos dentro das suas abordagens temáticas, do mesmo modo, Conceição Evaristo fomenta inspiração para que outras meninas, adolescentes, mulheres faveladas, pretas possam se fazer ouvidas em todos os espaços da sociedade, inclusive, ou principalmente, na academia, onde a autora tem grande representação de seus ideais. O Poder da Voz de Conceição Evaristo, atualmente, faz ecoar toda a sua ancestralidade:

[...] a partir da “escrevivência”, a autora constrói um retrato das desigualdades sociais, do desemprego, da marginalidade, da violência doméstica, da prostituição, do analfabetismo, da miséria, e por outro lado, da meritocracia. Esse recurso possibilita transitar entre os espaços da memória e da história, em particular, dos povos negros no Brasil e a reconstrução da história baseando-se em novas concepções (Silva e Duran, 2023, p. 19).

Evaristo surge no cenário contemporâneo, proporcionando em sua poesia, a oportunidade de grandes e significativas transformações históricas e sociais, pois

oferece aos mais jovens a oportunidade de conhecer a história de seus ancestrais e aos mais velhos reencontros com a própria história. No trecho “A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela” (Evaristo, 2017, p. 34-35), a poetisa possibilita a compreensão das reflexões sociais sofridas pelas mulheres negras por séculos.

A contextualização da Mulher-Maravilha se faz necessária não apenas para situar a heroína historicamente, mas também e, principalmente, ideologicamente. Todo e qualquer momento sócio-histórico-cultural é marcado por suas vozes sociais dominantes, o que é refletido e refratado nos mais diversos enunciados desse momento, direta ou indiretamente (Gava, 2021, p. 19).

Portanto, cada criação reflete o contexto cultural no qual o indivíduo/criador está inserido, sua criação espelha seus anseios, indignações e desejo de mudança. O mito dos quadrinhos da Mulher-Maravilha, uma representação da mulher branca, busca quebrar os padrões patriarcais das sociedades ocidentais modernas, destacando uma mulher como heroína, mas ainda é uma ruptura limitada, que não incorpora as tensões e conflitos raciais da modernidade e se alicerça aos valores culturais ocidentais dominantes.

Por outro lado, surge Conceição Evaristo, mulher negra, brasileira, escritora representante de suas raízes (Reis; Oliveira, 2021), quebrando os padrões socioculturais do paradigma hegemônico eurocêntrico. Ainda que se questionasse se estamos falando de uma mulher, humana, mortal, que não tem nada de heroína, por não possuir relações diretas com divindades, reflita-se: 1 – de que tipo de heroína estamos falando? 2 – Quais traços a caracterizam enquanto uma heroína?

Em relação à primeira questão, estamos falando de uma heroína da modernidade, que se diferencia e muito dos heróis gregos (esses, sim, tinham relações diretas com as divindades, podiam ser deuses, filhos ou filhas de deuses, como é o caso da Mulher-Maravilha).

Quanto à segunda pergunta, podemos afirmar que Evaristo é uma heroína moderna comprometida em discutir sobre raça, gênero e a valorização da identidade afro-brasileira, renegada pelo patriarcado escravagista. Evaristo imprime em sua obra poética os registros de suas próprias vivências e sua memória ancestral, as suas escrevivências. A autora representa a si mesma e a outras mulheres negras que se sentem contempladas por seus feitos (Souza, 2014, p. 07). E, por fim, Evaristo quebra os paradigmas da heroína estereotipada representante dos conceitos e preconceitos de uma sociedade excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do poema “Vozes-Mulheres” e da influência da autora Conceição Evaristo para a obra poética afro-brasileira, reiteramos em nossa investigação que Evaristo é uma escritora feminina negra de destaque no cenário contemporâneo da Literatura Brasileira. Além da sua genialidade intelectual, Evaristo rompeu padrões, criou uma epistemologia própria, a “escrevivência”, colocando à disposição da literatura suas vivências como mulher de origem pobre, negra e que reflete a realidade de muitas outras mulheres negras brasileiras.

Diante da importância da autora, da expressão de sua poesia e a forma como Conceição Evaristo ascendeu na vida acadêmica, dando visibilidade a sua poesia, demonstram que não foi um caminho fácil a ser percorrido, pois é possível vislumbrar a partir de seus escritos, toda sua luta quanto mulher negra que precisou conquistar espaços historicamente negados pelo racismo.

Aponta-se como resultados deste estudo, que as lutas enfrentadas por Conceição Evaristo enquanto mulher negra aproxima-se ao arquétipo de uma heroína, uma supermulher, a Mulher-Maravilha moderna (humana), que ao mesmo tempo que se assemelha por seus feitos heroicos em sua própria sobrevivência, também se

distancia da heroína grega (semideusa), das produções cinematográficas do DCU (*DC Cinematic Universe*), quando quebra todos os paradigmas que estereotiparam, por séculos os heróis ocidentais, porque aqui (Evaristo), se apresenta uma mulher que se difere da mulher branca de cabelos lisos, a qual, a sociedade ocidental sempre pregou. E que promove através de sua literatura poética um discurso de empoderamento de mulheres negras, inteligentes que podem, apesar de todas as dificuldades alcançar lugares onde suas vozes podem e devem ser ouvidas corroborando para transformação de uma sociedade mais igualitária para todos.

Portanto, faz-se necessário evidenciar que o arquétipo da Mulher-Maravilha é para todas as mulheres, sem distinção de raça, idade ou lugar. As mulheres vivem à força de uma heroína à flor da pele diariamente. Por isso, há uma plateia que aprecia o tamanho da Mulher-Maravilha pela sua representatividade na sociedade. O arquétipo é atemporal, não tem espacialidade podendo acontecer em qualquer tempo e lugar, com qualquer povo e indivíduo, em qualquer forma de manifestação. Por esta razão, qualquer mulher negra pode se sentir uma mulher-maravilha, uma heroína de sua vida.

REFERÊNCIAS

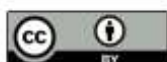
CAMPBELL, Joseph. **O Heróis de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHACON, Beatriz da Costa Pan; DA COSTA, Beatriz. Mulher-Maravilha: estudo sobre a representação da mulher e do feminino nas histórias em quadrinhos. **Anais do Simpósio Nacional de História**, v. 25, 2009.

BALDRY, H. C. **A Grécia Antiga: Cultura e Vida**. Lisboa: Editora Verbo, 1968.

BARROS, Myriam Moraes Lins. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. Movimentos Feministas. **Insurgência**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 198-210, jan. 2015. Semestral. Disponível em:



<<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/viewFile/16758/11894>>.

Acesso em: 19 dez. 2017.

BRUSSIO, Josenildo Campos. **Imagens arquetípicas na relação professor-aluno na escola:** em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem. São Paulo: NEA Edições, 2014.

CASTRO, Susana. **O mito moderno da Mulher-Maravilha.** Redescrições, v. 3, n. 2, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020a.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós.** Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento. O mito, o herói, o artista. In: **Revista Ohun**, ano 4, n. 4, p.84-99, dez 2008.

GAVA, Luana Maria. **Mulher-Maravilha ao longo da história:** ícone de empoderamento questionável. Dissertação de Mestrado. Araraquara/SP: UNESP, 2021.

GOMES, João Pedro Fernandes. **A construção intertextual de Mulher-Maravilha: o mítico, o maravilhoso e o super-heroico.** Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto/SP: UNESP, 2020.

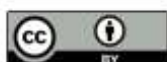
GOMES, João Pedro Fernandes; RAMOS, Maria Celeste Tommasello. **Convergências entre Mulher-Maravilha e Conto Maravilhoso.** Revista X, v. 15, n. 2, p. 295-326, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Ed. Paz e Terra, 1972.



JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos concepção e organização**. 6ª edição especial brasileira. Editora Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAMAS, Berenice Sica. **Lygia Fagundes Telles: imaginário e a escritura do duplo**. Tese de Doutorado. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2002 (Programa de Pós-Graduação em Letras).

LANGLEY, Travis; WOOD, Mara. **A Psicologia da Mulher-Maravilha: Descubra as virtudes da maior super-heroína que conhecemos e porque ela deve ser a grande inspiração para toda a humanidade**. Única Editora, 2018.

LEPORE, J. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 2017.

MARINHO, C. **Poéticas do maravilhoso no cinema e na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; autêntica, 2009.

MENDES, Ana Claudia Duarte. Eco e memória: “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 17, n. 1, p. 113-122, 2009.

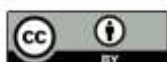
OLIVEIRA, Paulo Ricardo de. **Do Olimpo à Liga da Justiça: arquétipos mitológicos nos quadrinhos de super-heróis da DC Comics**. El Eternauta II e a semiótica de Peirce, p. 80, 2017.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Anais do Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, v. 1, p. 1-10, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.

QUINTAS, Georgia. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, p. 11-44, 2009.

REIS, Gabriela Gomes; SILVA, Ariceneide Oliveira da. **A materialidade discursiva do poema “vozes-mulheres” de Conceição Evaristo**. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 26936-26943, 2021.



REIS, Mírian Sumica Carneiro; DE JESUS OLIVEIRA, Adrielle. **Palavras de mulheres negras: uma proposta de leitura de Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo**. 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=P Acesso:16 jan.24.

SAFFIOTI, Heleieth B. Feminismos e seus frutos no Brasil. In: SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática**. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes. Por uma poética da ancestralidade. In: CÔRTEZ, Cristiane. et al. **Escrevivências: identidade e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018.

SILVA, Mayara de Oliveira da; DURAN, Alessandra Aparecida Cortez. **Representatividade como elemento de poder da mulher negra na ficção contemporânea: escrevivência, vozes e ecos na obra Becos da Memória, de Conceição Evaristo**. 2023.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. **Revista Línguas & Letras – Unioeste** – Vol. 15 – Nº 30, 2014 e-ISSN: 1981-4755.

TELLES, Verônica; VALLE, Cléa Fernandes Ramos. O mito do conceito de herói. **Revista Eletrônica do ISAT** - volume 2 / edição 1 / dez. 2014. https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf. Acesso em 02 de abril de 2025.